

AS PALAVRAS, OS SINAIS E O CORPO: UMA ANÁLISE DA CORPOREIDADE EM LIBRAS PELA PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO EM LÍNGUAS DE SINAIS

WORDS, SIGNS AND THE BODY: AN ANALYSIS OF EMBODIMENT IN LIBRAS FROM THE PERSPECTIVE OF COGNITIVE LINGUISTICS AND ITS CONTRIBUTIONS TO STUDIES OF TRANSLATION IN SIGN LANGUAGES

Rafael Monteiro da Silva¹

Flávia Medeiros Álvaro Machado²

RESUMO

A tradução e interpretação em Libras ultrapassam a simples transposição de palavras entre línguas; envolvem um processo criativo, no qual o corpo do intérprete se torna o próprio meio de construção do sentido (Silva, 2022). O Tradutor e Intérprete de Libras-Português (TILSP) atua como uma “corporificação do texto” (Lakoff; Johnson, 1999), trazendo para o corpo, os gestos e os sinais o significado completo da mensagem original. Essa abordagem vai além do literal, privilegiando uma recriação que respeita a estética, a expressividade e a cultura da comunidade surda, aspectos centrais da língua visual-gestual que é a Libras (Machado, 2019). A tradução literal muitas vezes não transmite o sentido integral do texto original. A simples literalidade pode distorcer a mensagem, pois o conteúdo está intrinsecamente ligado à forma como é comunicado. No caso da Libras, que depende da expressividade corporal, espacial e facial, a tradução precisa ser sensível e criativa, utilizando esses elementos para preservar o efeito comunicativo original. A transcrição (Campos, 2004) se destaca como a estratégia mais adequada para a tradução em Libras. Ela envolve a recriação do texto na língua alvo, respeitando não apenas o conteúdo semântico, mas também os aspectos estéticos e culturais da língua. Nesse processo, o intérprete é mediador, reconfigurando a mensagem para torná-la acessível e impactante para o público surdo. A Libras exige que o intérprete crie imagens visuais e expressões significativas, respeitando a cultura e identidade do público surdo, configurando-se como uma prática inclusiva e democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução e Interpretação. Corporeidade. Transcrição. Libras.

ABSTRACT

Translation and interpretation in Brazilian Sign Language (Libras) go beyond the simple transposition of words between languages; they involve a creative process in which the interpreter's body becomes the very medium of meaning construction (Silva, 2022). The Brazilian Sign Language-Portuguese Translator and Interpreter (TILSP) acts as an “embodiment of the text” (Lakoff; Johnson, 1999), bringing the full meaning of the original message into the body, gestures, and signs. This approach goes beyond the literal, favoring a recreation that

¹ Doutorando em Linguística Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestre em educação bilíngue de surdos - Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Professor Substituto no Letras/Libras (UFES), Docente do curso de pedagogia da Multivix e Tradutor e Intérprete de Libras Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do grupo LingCognit - Língua(gem) & Cognição: escolhas tradutórias e interpretativas. rafael.silva.57@ufes.br, <https://orcid.org/0009-0004-5284-5643>.

² Pós-doutora em Linguística Universidade Federal de Uberlândia (UFU), doutora e mestre em letras na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e líder do grupo LingCognit - Língua(gem) & Cognição: escolhas tradutórias e interpretativas. flavia.m.machado@ufes.br, <https://orcid.org/0000-0001-7838-1227>.

respects the aesthetics, expressiveness, and culture of the Deaf community, which are central aspects of the visual-gestural language that is Libras (Machado, 2019). Literal translation often does not convey the full meaning of the original text. Simple literalism can distort the message, as content is inherently linked to how it is communicated. In the case of Libras, which depends on bodily, spatial, and facial expressiveness, the translation must be sensitive and creative, using these elements to preserve the original communicative effect. Transcreation (Campos, 2004) stands out as the most suitable strategy for translation in Libras. It involves recreating the text in the target language, respecting not only the semantic content but also the aesthetic and cultural aspects of the language. In this process, the interpreter is a mediator, reconfiguring the message to make it accessible and impactful for the Deaf audience. Libras requires the interpreter to create visual images and meaningful expressions, respecting the culture and identity of the Deaf community, configuring it as an inclusive and democratic practice.

KEYWORDS: Translation and interpretation. Embodiment. Transcreation. Libras.

1. Considerações iniciais

A atividade e a tarefa do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras, requer uma atenção redobrada em suas realizações, devidos ao fato desse profissional estar exposto diretamente a pelo menos duas línguas, para acontecer a tradução e a interpretação, compreendendo serem processos completamente diferentes, mas se complementam em determinados momentos, mas deixamos claro que se trata de processos completamente diferentes. O profissional Tradutor e Intérprete de Libras - TILSP, não está apegado apenas a parte linguística dos sinais produzidos ou que serão produzidos durante o ato tradutório, mas por todo contexto apresentado pelo processo, sendo sinais, representações mentais com significados, corporeidade e tantas outras estruturas apresentadas pela produção em Libras (Silva, 2022), sendo responsável por uma estética linguística e uma estética atrelada ao corpo, enfatizando e ressignificando na língua de sinais os significados que não conseguiriam ser acessados pela língua de partida, sendo assim esse texto precisará ser recriado pelo profissional, por exemplo, quando o texto parte do português falado ou escrito sendo traduzido para a Libras, onde ocorre a tarefa de recriação no texto traduzido na língua de chegada.

Assim, para nós, a tradução de textos criativos será sempre uma recriação, ou uma criação paralela, autônoma, mas recíproca. Quanto mais difícil este texto, mais recriável, mais atraente ele é como uma possibilidade aberta de recreação. Numa tradução desta natureza, não se traduz apenas o sentido, mas traduz-se o próprio signo, ou seja, a sua fisicalidade, a sua própria materialidade (propriedades sonoras, imagens visuais, enfim tudo o que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade) do signo estético, entendido por signo icônico como “que é de alguma forma semelhante ao que designa”). O significado, parâmetro semântico, será apenas o ponto de demarcação do lugar do empreendimento criativo. É, portanto, o inverso da chamada tradução literal. (Campos, 2004, p. 35).

Recriar o texto é respeitar os diferentes propósitos do texto traduzido e principalmente suas similaridades de sentido na língua de chegada, sendo assim, recriar o texto em outra língua vai ser o objetivo que segundo Campos (2004) vai enfatizar para o processo de tradução e a criação na língua de chegada, usando os recursos que a língua de chegada apresenta e exige. Para esse processo se faz necessário a potencialização de um olhar intermodal e que se tratado de uma língua

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

sinalizada utiliza-se a categoria de *embodiment* (Lakoff; Johnson, 1999) que se trata do processo de corporificação, pois se trata da relação direta que a linguagem utiliza o corpo e toda a sua interação com o que está experienciado na realidade, a língua atrelada ao corpo e seus movimentos com a finalidade de produção linguística, evidenciando conceitos e significados estéticos e os signos de uma determinada língua na construção de sentidos, tendo em vista que a Libras é elaborada por essa realidade visual-gestual (Campello, 2008) possuindo os aspectos voltados à visualidade de e para os surdos, onde o tradutor e intérprete precisa conhecer profundamente a língua de partida bem como a língua de chegada, segundo Quadros (2004) esse texto tem suas implicações durante o ato tradutor, sendo assim,

Língua fonte - É a língua que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução e interpretação para a outra língua (a língua alvo).

Língua alvo - É a língua na qual será feita a tradução ou interpretação. (Quadros, 2004, p. 9).

Outro fator importante para essa pesquisa é que quando falamos de tradução e interpretação em Libras, consideram-se as diferentes modalidades (Rodrigues, 2018) que se apresentam os textos, não somente a língua, mas as modalidades também são diferentes — como é o caso do par português-Libras —, a influência da primeira língua na produção da segunda tende a ser reduzida durante o processo do ato tradutor, que é:

Portanto, entende-se que a tradução, bem como a interpretação, assume-se como um ato cultural que diz respeito não somente a passagem de uma língua para outra, mas a sua relação de existência critica a começar por quem emite o discurso ou o texto, examinando a relação deste com a língua, bem como cultura, fazendo que esse seja a todo momento colocado em questão sobre sua veracidade e administrado pela pessoa que recebem o texto traduzido/interpretado, ou seja, o texto também é administrado pelo seu leitor. (Silva, 2022, p. 55).

Ao abordar a temática da modalidade, é fundamental compreender as diferenças existentes na forma de reprodução dos códigos linguísticos. No contexto desta pesquisa, isso implica analisar a relação entre línguas orais-auditivas e línguas visuais-gestuais, bem como as particularidades envolvidas no processo de interpretação entre diferentes línguas de sinais.

[...] na interpretação simultânea entre línguas orais, isso não ocorra, visto que também ocorre, mas do fato de as línguas de sinais possuírem algumas características que se destacam, tais como a simultaneidade na organização interna dos sinais e na estruturação dos enunciados, o emprego de verbos de movimento e locação, a intensa ocorrência de expressões faciais gramaticais e emocionais, o uso comum de classificadores, características essas que se vinculam diretamente à modalidade espaço-visual da língua. (Rodrigues, 2018, p. 269).

Isso se deve ao fato de que ambas operam em modalidades distintas: o português, atrelado prioritariamente ao som e à escrita, e a Libras, articulada por meio de elementos visuais e gestuais. Ainda que haja empréstimos linguísticos entre os códigos, suas estruturas gramaticais entram em conflito justamente por pertencerem a sistemas sensoriais distintos.

[...] Uma tradução sempre envolve uma língua escrita. Assim, poder-se-á ter uma tradução de uma língua de sinais para a língua escrita de uma língua falada, da língua escrita de sinais para a língua falada, da escrita da língua falada para a língua de sinais, da língua de sinais para a escrita da língua falada, da escrita da língua de sinais para a escrita da língua falada e da escrita da língua falada para a escrita da língua de sinais. A interpretação sempre envolve as línguas faladas/ sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais. Assim, poder-se-á ter a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais. Vale destacar que o termo tradutor é usado de forma mais generalizada e inclui o termo interpretação. (Quadros, 2004, p. 9).

Nesse contexto, considerando que a Libras se vale de recursos da visualidade, conforme Campello (2008). A produção linguística está, portanto, intrinsecamente ligada ao corpo, o que implica que, no processo de tradução entre modalidades, o intérprete/tradutor não pode apenas seguir um modelo linear ou literal de transposição palavra por palavra ou sinal por sinal. Pelo contrário, é necessário que ele atue de forma crítica e criativa, compreendendo e ressignificando o conteúdo na língua-alvo, de modo a construir um novo texto, priorizando não apenas a equivalência semântica, mas também a expressividade e a estética da Libras.

Envolve um ato COGNITIVO-LINGÜÍSTICO, ou seja, é um processo em que o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes. O intérprete está completamente envolvido na interação comunicativa (social e cultural) com poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação. Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos. (Quadros, 2004, p. 27).

Durante o processo de atuação, não apenas usamos a linguagem verbal e gestual, mas também estamos conscientes de nossa presença física e da maneira como nosso corpo expressa significados. A tradução e interpretação em Libras, é uma arte que envolve o corpo, pois nos tornamos “atores” nesse processo interpretativo. Essa corporeidade é parte integrante do ato de traduzir e interpretar em Libras sendo influenciando diretamente pelo modo que nos relacionamos com as línguas, as culturas e as modalidades de comunicação.

Deve-se considerar a intersecção de Língua(s), Cultura(s) e Modalidade(s) ao refletirmos sobre essa prática. A utilização do corpo não é apenas um aspecto físico, mas também uma afirmação da identidade e da intencionalidade no ato de traduzir e interpretar, conferindo profundidade e significado ao que comunicamos, integrando à uma experiência de compreensão linguística.

Os termos tradução e interpretação se complementam e remetem à mesma tarefa, ou seja, “versar os conteúdos de uma dada língua para outra, buscando trazer neste processo os sentidos pretendidos, sem que eles se percam ou que sejam distorcidos no percurso” (Lacerda, 2009, p. 252). O termo *tradutor-intérprete* visa designar o profissional que traduz e interpreta o que foi dito ou

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

escrito, destacando especialmente aqueles que trabalham com pares linguísticos envolvendo línguas sinalizadas. Define-se, assim, o tradutor-intérprete de língua de sinais como o profissional responsável por traduzir e interpretar “a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentem - oral ou falada” (Quadros, 2004, p. 11).

Apesar de serem utilizadas há séculos pelas comunidades surdas, as línguas de sinais só passaram a ser reconhecidas como línguas naturais a partir dos estudos de William Stokoe, na década de 1960. Sua obra pioneira *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf (1960)* demonstrou a estrutura linguística da *American Sign Language - ASL*, desmistificando a ideia de que se tratavam apenas de gestos. Esse marco impulsionou novas pesquisas e, no Brasil, culminou no reconhecimento oficial da Libras pela Lei nº 10.436/2002. A partir disso, a tradução e interpretação entre Libras e português passaram a ser vistas não apenas como práticas técnicas, mas como atos culturais, éticos e identitário, atribuindo aos tradutores-intérpretes a responsabilidade de preservar os sentidos e contextos socioculturais da comunidade surda.

2. Fundamentação teórica

A compreensão sobre o papel da corporeidade, dos sinais e das palavras na tradução e interpretação em Libras demanda uma análise embasada em conceitos teóricos que articulam corpo, linguagem e cognição. Para tanto, este capítulo apresenta os fundamentos da Linguística Cognitiva e da teoria da cognição corporificada, destacando a importância do corpo como elemento central na construção de sentidos e na mediação comunicativa na língua de sinais. Além disso, serão abordadas as contribuições de autores que investigam os processos de tradução, a natureza dos conceitos abstratos e a relação entre cultura, experiência e linguagem, evidenciando a natureza estética, criativa e ética do trabalho do tradutor-intérprete em Libras.

2.1. A relação entre corpo, sinais e linguagem

Ao traduzir para Libras em contextos bilíngues, o corpo do intérprete torna-se elemento central na construção de sentido. Mais do que transpor conteúdos linguísticos, a tradução envolve um processo criativo que incorpora visualidade, ritmo e expressividade. Nesse cenário, a transcrição bem como a corporificação emergem como estratégias essenciais, especialmente quando o texto se insere em práticas literárias e artísticas que rompem com as convenções gramaticais e exploram novas formas de significação. Um fator que colabora com a transcrição e os processos de corporificação para esse texto flertando com o ato tradutório, é o fato de estar em um contexto bilíngue entre o português (escrito ou falado) e as línguas de sinais (Libras), tendo a possibilidade da recriação do texto em um novo texto com um apelo visual e corporal. Como se fosse uma dança dos sinais e das palavras sendo traduzidas, fluindo pelo corpo e pelas mãos, não somente se atendo aos sinais produzidos, mas todo o corpo sendo imerso nesse processo estético que envolve a Libras.

Na literatura, brincamos principalmente com a língua para criar efeitos estéticos. A teoria linguística lida com uma descrição de “unidades” delimitadas da língua, descrevendo os fonemas e morfemas, os sinais, os itens do vocabulário e a sintaxe das sentenças, mas a língua artística vai além dos limites dessas unidades fundamentais da Libras. As brincadeiras estéticas mesclam os sinais até que não existam mais “unidades”, quebram as regras fonológicas, geram morfemas esquisitos e criam novas experiências visuais e comunicativas fora dos padrões da Libras cotidiana. Os elementos na literatura sinalizada chamam atenção ao “visual” com movimento no espaço e por isso são diferentes dos elementos literários na literatura escrita, especialmente na literatura escrita das línguas orais. (Sutton-Spence. 2021, p. 56).

O corpo passa a se utilizar de parâmetros com significação linguísticas incorporadas a substantivos e tantas outras construções gramaticais tendo em vista que a parte estética das línguas de sinais estarão diretamente ligadas a produção do corpo, das mãos, dos gestos, das expressões faciais e seus parâmetros em geral ligados a uma experiência de produção corporal que faz saltar aos olhos do espectador que faz a leitura desse texto agora corporificado.

A experiência corporal das pessoas surdas é, na maioria, de visão e de tato ao invés de som, e a linguagem estética da literatura destaca isso. Já falamos que a Libras artística e literária nos poemas, nas narrativas, no teatro e até nas piadas, centra-se na linguagem estética visual. A linguagem estética apela aos sentidos e por meio dela o artista surdo busca criar uma experiência para o seu público, em vez de apenas afirmar algo ou dar uma informação. (Sutton-Spence. 2021, p. 55).

A tradução mistura diversos elementos em sua realização, não preso às palavras do português e muito mesmo a somente itens lexicais ou vocabulares, mas expandindo a compreensão para um lugar cênico carregado de criatividade.

A Libras criativa é uma forma de arte linguística que compartilha elementos em forma de arte visual e arte visual em movimento. Frequentemente, a literatura vai além do vocabulário da Libras para criar algo muito mais visual. Às vezes, a literatura em Libras é mais parecida com a pintura, a dança, o filme e o cinema e tudo isso compõe um elemento estético (Sutton-Spence. 2021, p. 56).

A tradução e interpretação em Libras baseia-se em uma literatura visual e gestual que valoriza a criatividade e a expressividade da língua de forma artística. Esse processo ultrapassa os limites das descrições tradicionais da linguística, indo além das regras gramaticais formais que costumam definir a linguagem em unidades fixas como fonemas, morfemas e sinais. Isso evoca que, em Libras, os sinais deixam de funcionar apenas como unidades fixas com significados estáveis e explorados visualmente, com ênfase no movimento, no espaço e na expressão corporal. É por isso que os elementos estéticos dessa forma de literatura são muito diferentes daqueles da literatura escrita em línguas orais. Sendo assim o apelo estético da tradução ganha novas evidências.

Mais especificamente, sua distinção de base semiótica e teórico-informativa entre “informação documentária”, “informação semântica” e “informação estética”. Cada uma

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

dessas categorias remetem, respectivamente, a contextos informacionais específicos. “Informação documentária” remete a um contexto que “reproduz algo observável, é uma sentença empírica, uma sentença-registro”. (Campos, 2004, p. 32).

Gessner (2016), propõe a existência de três tipos de informação, são elas, a informação documentária, a informação semântica e a informação estética. Cada uma delas se relaciona com diferentes níveis de complexidade dentro do processo comunicativo. A informação documentária refere-se àquilo que é diretamente observável, como um registro empírico como, por exemplo, a frase “O livro está sobre a mesa” apenas descreve um fato perceptível, enquanto a informação semântica vai além, por introduzir um elemento interpretativo, como julgar se a frase é verdadeira ou falsa: “O livro está sobre a mesa é uma sentença verdadeira”. Já a informação estética se destaca por romper com a previsibilidade e agregar um grau de surpresa, imprevisibilidade ou originalidade à organização dos signos. Ou seja, ela não somente transmite algo, mas provoca uma experiência sensível e criativa e em Libras, visual e corporal, característica essencial em obras traduzidas e interpretadas em línguas sinalizadas.

Cada uma dessas categorias remetem, respectivamente, a contextos informacionais específicos. “Informação documentária” remete a um contexto que “reproduz algo observável, é uma sentença empírica, uma sentença-registro” (Campos, 2004, p. 32); por exemplo: “O livro está sobre a mesa”. A “informação semântica” vai além da informação documentária ao acrescentar algo que não é passível de ser observado; acrescenta um “elemento novo” que pode ser, por exemplo, uma categoria de “verdadeiro” ou “falso”: “O livro está sobre a mesa é uma sentença verdadeira”. A “informação estética”, por sua vez, transcende a semântica, agregando elementos de “imprevisibilidade”, “surpresa”, improbabilidade, na “organização dos signos”[...]. (Gessner, 2016, p. 147).

A distinção entre informação documentária, semântica e estética propõe diferentes níveis de complexidade no tratamento da informação. A informação semântica vai além da documentária ao introduzir elementos que não são diretamente observáveis, como, por exemplo, a possibilidade de classificar uma sentença como verdadeira ou falsa — o que já implica um processo de interpretação. Já a informação estética ultrapassa esse nível ao incorporar aspectos como imprevisibilidade, surpresa e improbabilidade na forma como os signos são organizados. Nesse caso, o sentido não está apenas no que se diz ou na veracidade do que é dito, mas na maneira criativa e sensível com que a linguagem é estruturada, gerando experiências que envolvem a percepção e a emoção do receptor. Assim, compreende-se uma progressão que vai do descritivo ao interpretativo e, por fim, ao estético, destacando a riqueza e diversidade dos modos de significar.

Assim permite compreender diferentes níveis de complexidade e intenção na produção e recepção da informação. Enquanto a informação documentária está ligada à descrição objetiva e observável da realidade, a informação semântica acrescenta interpretação e julgamento de valor, e a informação estética ultrapassa ambos os níveis ao introduzir a criatividade, a subjetividade e a imprevisibilidade na organização dos signos. Essa última categoria é especialmente relevante nos contextos artísticos e

poéticos, onde o efeito estético é construído por meio de uma experiência sensível e não apenas pela transmissão de conteúdos objetivos ou lógicos.

2.2. Conceitos de signos, categorias e a cognição humana

O processo de tradução e interpretação em Libras de fato envolve a manifestação do corpo diante de uma determinada audiência, essa visibilidade traz à tona a necessidade de uma visualidade (Campello, 2008) que fica evidenciada pela modalidade que a língua é produzida, sendo assim, o texto não pode ser separado de sua encenação (Quadros; Souza, 2008). Destacando a partir dessa realidade a questão da intermodalidade (Rodrigues, 2018) durante a sua produção, principalmente por ser línguas diferentes que se articulam de formas peculiares de serem pensadas e projetadas.

[a] língua fonte (LF), portanto, é a Língua Portuguesa escrita e a língua alvo (LA), é a Língua Brasileira de Sinais na sua versão “oral”. Entende-se “oral” em como a língua na sua forma de expressão oral, no caso específico das Línguas de Sinais, expressão em sinais. Como as modalidades das línguas envolvidas são diferentes, percebem-se efeitos de modalidade. (Quadros; Souza, 2008, p.175).

Segundo os estudos linguísticos, outra evidência sobre o processo de tradução é que de acordo com Jakobson (1959) que versa com a realidade do processo de tradução estar entre línguas diferentes, pode ser considerado um processo interlingual.

Tradução interlingual: que corresponde em ser o processo de tradução conforme o já determinado, que se utiliza da interpretação dos signos verbais por meio de outra língua, podendo, por exemplo, ser um processo de tradução de um livro infantil em 51 português para a Libras ou pegando uma contação de história em Libras e interpretando de maneira simultânea para um público alvo. (Silva, 2022, p. 51).

Nos estudos linguísticos, envolvendo o olhar da tradução e a interpretação em línguas sinalizadas, uma vez que o pano de fundo dessa pesquisa é a tradução e a interpretação envolvendo diretamente línguas em contraste. Segundo Quadros e Segala (2010), que a tradução intramodal como um quarto processo atrelado ao que encontrado por Jakobson (1959), que visa lidar justamente com o ato tradutório ao ter uma língua de sinais envolvida durante o processo, ou seja, todos os processos encontrados anteriormente, como estando atrelados e envoltos ao processo intermodal.

Na tradução de Língua Portuguesa para Libras, esses diferentes tipos de tradução precisam captar as especificidades envolvidas nesse processo, pois estamos diante de línguas em diferentes modalidades. Assim, vamos tratar essa tradução intermodal como um quarto tipo, conforme proposto por Segala (2010), mas salientamos que é uma tradução que envolve línguas, ou seja, sistemas verbais (tradução interlingual) e outros sistemas não-verbais (tradução intersemiótica). Importante esclarecer que a Libras, assim como outras línguas de sinais, configuram um sistema verbal, apesar de se apresentarem na modalidade visual-espacial. (Quadros; Segala, 2015, p. 358).

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

A tradução se torna uma corporificação do texto original, podendo ser o texto falado ou escrito, exigindo que o tradutor traga para o corpo e para os sinais não apenas as palavras, mas o sentido completo do texto. Isso significa evitar uma postura rígida ou estanque durante a tradução, abrindo espaço para a criação de imagens visuais (descrições imagéticas) que representem, de forma significativa, as ideias expressas no conteúdo de origem. Assim, o corpo do tradutor não atua apenas como instrumento, mas como espaço de criação, onde cada escolha de sinal, expressão ou movimento precisa ser crítica e consciente, respeitando a cultura e a identidade do público surdo.

[...] mas está ligado ao fato desse processo ser interpretativo, uma corporificação do texto falado ou escrito, trazendo para as mãos, para o corpo, para os sinais o que o texto como um todo quer significar e não deixar a pessoa que está executando o ato tradutório estanque, rígido em uma tradução, mas sendo criativo no que diz respeito a criação de descrições imagéticas, como esse corpo vai ser atravessado pelo texto que se interpreta e traduz, como será a produção de tal sinal utilizado durante a fala, escolhas lexicais, escolhas tradutórias, sendo crítico para não cometer algum equívoco, quase um processo metafísico da tradução, sendo criterioso na escolha de produção de sinais, respeitando a cultura, a identidade do interlocutor do texto, e nesse caso o receptor do texto uma vez que o tradutor e intérprete se coloca em uma posição de estar no meio do texto onde ele é atravessado pelo texto, pelas intenções. (Silva, 2022, p. 30).

Silva (2022) destaca a complexidade e a profundidade do processo tradutório quando se trata da tradução para a Libras, tendo em vista que essa prática é atravessada pela perspectiva da transcrição (Campos, 2004), que traz a possibilidade do tradutor e intérprete como recriador do texto na língua de chegada. A transcrição evidencia o aspecto estético do texto, ou seja, a maneira como ele é apresentado podendo assim possuir ritmo, estrutura, estilo e até sensações visuais ou em alguns casos informações sonoras como onomatopeias entre outras características textuais verbais e não verbais. Nessa abordagem, o significado do texto não está apenas nas palavras em si, mas na forma como essas palavras são articuladas e precisam ser recriadas para a Libras, mantendo sentido e se alterando pela forma. O alvo da transcrição, como uma ferramenta do ato interpretativo, está em recriar o mesmo efeito ou impacto no público da língua de chegada, respeitando as características culturais e expressivas daquela nova língua.

A transcrição, portanto, prioriza o efeito estético, que em muitos casos pode estar na própria superfície formal de um texto, sendo que o significado é o resultado dessa articulação de formas; já a tradução literal estabelece em primeiro plano a significação do texto, busca reproduzir na língua de chegada os mesmos efeitos de sentidos obtidos na língua de partida, sendo que o aspecto formal, muitas vezes, é deixado em segundo plano. (Silva, 2022, p. 71).

Por outro lado, a tradução literal busca manter o significado original do texto com o máximo de fidelidade, priorizando o conteúdo e o sentido direto das palavras, mesmo que a forma estética do texto original seja deixada em segundo plano. Quando pensamos na tradução para a Libras, esse contraste se torna ainda mais evidente. Como a Libras é uma língua visual e gestual, depende da

visibilidade (Campello, 2008), que depende do corpo, da espacialidade e da expressividade, a simples tradução literal de palavras pode não ser suficiente para transmitir de forma eficaz o conteúdo e, principalmente, o impacto comunicativo de um texto.

A fidelidade na tradução da palavra isolada quase nunca consegue dar plenamente o sentido que ela tem no original, porque este não se esgota, na sua significação poética original, naquilo que se quer dizer, mas adquire-a precisamente pela forma como o que se quer dizer se articula com o modo do querer dizer nessa palavra. Costuma expressar-se esta ideia através da fórmula que diz que as palavras transportam consigo conotações afectivas. A simples literalidade na transposição da sintaxe vira completamente do avesso qualquer reconstituição de sentido, ameaçando mesmo levar à absoluta incompreensão. (Benjamin, 2011, p. 93).

Benjamin (2011) afirma que traduzir uma palavra isoladamente raramente transmite todo o sentido que ela carrega no original. Isso acontece porque o significado de uma palavra não está apenas no que ela diz, mas em como ela diz. Ele discute uma limitação importante da tradução literal, ou seja, o sentido poético e afetivo da linguagem surge da combinação entre o conteúdo (o que se quer dizer) e a forma (o modo como se diz), destacando que as palavras têm conotações afetivas, carregam sentimentos, cultura, estilo e que ignorar isso, ao simplesmente reproduzir palavras ou estruturas gramaticais literalmente, pode distorcer completamente o sentido original do texto. Em vez de elucidar o conteúdo na nova língua, a tradução literal pode até gerar incompreensão e ruídos que não deixam claro sobre a realização na Libras, por exemplo. Esse pensamento reforça a importância de uma abordagem mais sensível e criativa na tradução, como a transcrição, especialmente quando lidamos com línguas como a Libras, que operam com outras formas de expressão e sentido.

Nesse sentido, a transcrição se mostra adequada, por exigir que o tradutor-intérprete utilize o corpo de forma criativa, deixando emergir em seu processo de corporeidade, envolvendo expressões faciais, uso do espaço e construção visual de conceitos diversos para representar, em Libras, não apenas o que o texto diz, mas como ele diz. Nesse processo, o corpo não é somente um veículo da tradução, mas o próprio meio de construção do sentido. Traduzir para Libras não é simplesmente converter palavras de uma língua para outra, mas sim realizar um ato criativo e estético que exige do tradutor-intérprete sensibilidade, criticidade e domínio dos recursos corporais, visuais e espaciais. Como a Libras é uma língua visuo-gestual, ou seja, que depende do corpo, das expressões faciais e do espaço para se concretizar, é necessário que o profissional saiba lidar com esses elementos que ultrapassam a convencionalidade da língua.

Durante o processo de transcrição, é fundamental que o tradutor ou intérprete de Libras — seja em traduções do português para Libras, de Libras para o português, ou entre Libras e outras línguas de sinais — atue de forma crítica na língua de chegada. Mais do que simplesmente buscar equivalência semântica, esse profissional deve fazer escolhas linguísticas conscientes, considerando aspectos culturais, estéticos e expressivos que contribuam para a construção de sentido no novo texto.

Podemos perceber nos exemplos abaixo o processo de transcrição, onde usaremos quatro frases para exemplificar o processo:

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

A) Frase em português:

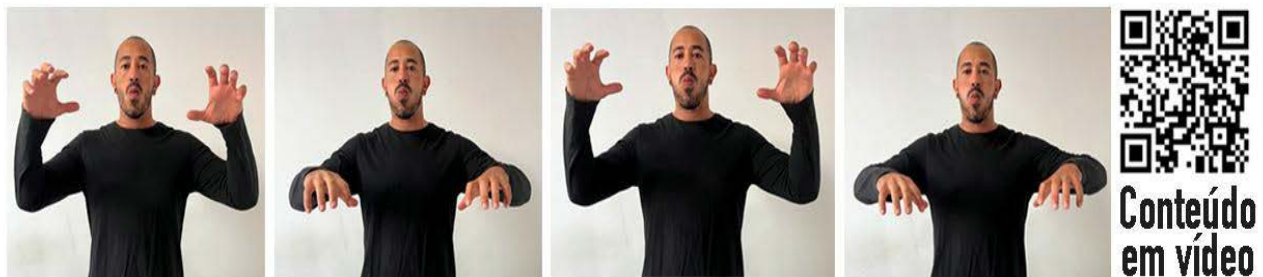
Está chovendo canivetes!

B) Frase em inglês:

It's raining cats and dogs!

C) Frase em Libras: (*SINAL DE CHOVER + ÊNFASE NA FORÇA DA CHUVA*).

Figura 1: Exemplo do sinal em Libras.



Fonte: Exemplo extraído de Silva (2022, p. 67).

D) Frase em ASL: (*SINAL DE CHOVER + ÊNFASE EM UMA AÇÃO EQUIVALENTE A DERRAMAR UM LITRO/BALDE DE MUITA ÁGUA*).

Figura 2: Exemplo do sinal em ASL.



Fonte: Exemplo extraído de Silva (2022, p. 67).

Na frase A, temos uma expressão que significa “está chovendo muito” ou “está caindo uma forte chuva”, embora nenhuma chuva literal de objetos cortantes esteja ocorrendo, trata-se de uma expressão idiomática que não pode ser traduzida literalmente. Na frase B, a tradução literal da expressão inglesa “*it's raining cats and dogs*” resultaria em algo como “está chovendo gatos e cachorros”, o que também não faz sentido literal. Ambas as frases, em suas respectivas línguas de origem, expressam a ideia de uma chuva intensa por meio de construções metafóricas que fogem à literalidade.

Já na frase C, em Libras, a construção assume contornos visuais específicos. O sinal para “muita chuva” envolve expressões faciais marcantes como inflar as bochechas e soprar compõem a intensidade do sinal sendo produzido para passar o significado e o movimento repetido das mãos de cima para baixo, reforçando visualmente a ideia de intensidade e direção da chuva. Essa escolha, além de comunicar a informação semântica, agrega valor estético e expressivo por meio da corporeidade e da visualidade características da Libras.

Semelhantemente, na ASL, a expressão equivalente também se afasta da estrutura literal do inglês. Além de preservar o apelo visual, a construção do sinal pode incluir um gesto metafórico semelhante ao ato de despejar água de um balde, enfatizando a quantidade de chuva que cai. Nas quatro frases analisadas, a ideia de “chuva” está presente, seja por meio da palavra (em português e inglês) ou dos sinais (em Libras e ASL). No entanto, enquanto as línguas orais recorrem a metáforas linguísticas, as línguas de sinais traduzem essa metáfora em expressões corporais e visuais, promovendo uma reconstrução estética e sensorial do significado, por meio da transcrição e da corporeificação. justificando o uso do recurso da transcrição para a Libras e para a ASL por conta da reconstrução modal da língua.

2.3. Tradução, interpretação e a estética na LIBRAS

Uma importante compreensão para essa pesquisa é a base teórica da obra nomeada *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*, de George Lakoff e Mark Johnson (1999), tem como fundamento a teoria da cognição corporificada ou *embodied cognition*. Esta teoria trata que a mente e a cognição humana não estão separadas do corpo e de suas experiências físicas, mas são, na verdade, fundamentadas nelas. Os autores da obra, exploram como o funcionamento cognitivo está profundamente enraizado em aspectos corporais, sensoriais e motores, desafiando a visão tradicional que separa mente e corpo, o pensamento humano não é uma atividade isolada da mente, mas surge diretamente das experiências corporais e sensoriais.

Com base nesse pensamento pode-se alinhar as possibilidades do aprendizado de uma língua e por meio dessa estamos de maneira direta associando os nossos pensamentos a esse aprendizado, fazemos diversas inferências durante o processo de aprendizagem até que julgamos estar aptos para pensar, se relacionar e colocar em prática dessa língua aprendida. Tendo como exemplo a Libras, algumas pessoas que aprendem a língua e tem um determinado desempenho com a língua, acabam migrando profissionalmente para as profissões de tradutores e intérpretes de Libras, inclusive essa expansão também abarcou o crescimento para os tradutores e intérpretes de Libras surdos,

A tradução e a interpretação de/entre/para línguas de sinais têm ganhado considerável visibilidade nas últimas décadas. Além disso, os intérpretes surdos têm conquistado cada vez mais espaço na mídia televisiva, na internet, nos eventos internacionais, atuando na interpretação de conferências e em diversos âmbitos intrassociais — inclusive junto aos intérpretes ouvintes — na promoção do acesso das comunidades surdas aos provedores de serviços de Saúde, Justiça e Educação, por exemplo. Podemos citar também os muitos trabalhos de tradução para a língua de sinais que circulam socialmente, os quais foram em sua íntegra produzidos por surdos. (Rodrigues; Ferreira, 2019, p. 110).

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

Além disso, é interessante considerar como, nesse contexto, a modalidade gestual-visual de Libras interage naturalmente com os gestos e expressões corporais que já utilizamos em vários atos comunicativos (Befi-Lopes; Oliveira; Soares, 2024). Esse ponto encontra um paralelo histórico na relação de L'Épée com a língua de sinais, estabelecida por meio de sua interação com surdos franceses que utilizavam a língua em seu cotidiano. Embora a história frequentemente atribua a criação da língua de sinais a L'Épée, Baiense (2023), observa que sua trajetória foi, na verdade, direcionada ao aprendizado de uma língua já existente, ainda que não oficial.

A relação de L'Épée com a língua de sinais se deu com a interação entre ele e os surdos franceses que a utilizavam de maneira cotidiana; apesar da história relatar que foi o religioso que criou a língua no século XVIII, percebemos que sua trajetória foi bem direcionada a aprender uma língua que, mesmo não sendo oficial, já existia. (Baiense, 2023, p. 30).

É importante ressaltar que essa perspectiva não pretende generalizar sobre a profissão, mas sim refletir a experiência de alguns profissionais, muitos dos quais relatam ter aprendido Libras em ambientes religiosos. Segundo Santos (2016), “metade dos intérpretes que narraram sua história de vida destacaram que aprenderam a Língua de Sinais em uma instituição religiosa, seja por meio de oficinas ofertadas pela instituição, seja pelo contato com surdos que frequentam a igreja”. Esse perfil evidencia um aprendizado que ocorre fora das instituições públicas e privadas formais.

Metade dos intérpretes que narraram sua história de vida destacaram que aprenderam a Língua de Sinais em instituição religiosa, seja através de oficinas ofertadas pela instituição, seja pelo contato com surdos que frequentam a igreja. Tal perfil evidencia a origem do aprendizado fora do âmbito institucional do público e privado. (Santos, 2016, p. 31).

Nota-se a indissociabilidade entre o aprendizado da Libras e sua aplicação nas variadas trajetórias profissionais que os intérpretes podem seguir. Esse ponto nos remete às ideias de Lakoff e Johnson (1999), que propõem uma teoria da cognição corporificada fundamentada em três premissas principais. Essa base teórica aborda também os efeitos da corporalidade na linguagem e na formação de conceitos culturais, ampliando o entendimento sobre como as interações sensoriais e motoras influenciam o pensamento humano e como as metáforas moldam nosso conhecimento.

Primeiramente, eles defendem que a mente é inerentemente corporificada, ou seja, nosso corpo molda nossa maneira de pensar. A cognição, portanto, não é um processo abstrato e independente, mas profundamente influenciado por como percebemos e interagimos fisicamente com o mundo. Em segundo lugar, os autores argumentam que os conceitos são essencialmente metafóricos. Para eles, as metáforas são mais do que meras figuras de linguagem; são o fundamento de como compreendemos conceitos abstratos. Essa metáfora fundamentada na experiência física é o que nos permite entender ideias complexas, como tempo e moralidade, a partir de aspectos concretos e familiares, como espaço e movimento.

A visão tradicional da racionalidade ao sugerirem que a razão depende da percepção e não é puramente lógica ou objetiva. A racionalidade humana, em sua visão, é inseparável das experiências

corporais e do contexto cultural, contrariando a ideia clássica de uma razão “pura” e descontextualizada. Dessa forma, *Philosophy in the Flesh* explora como a corporalidade influencia nossa linguagem e como a cognição se apoia na experiência física. Ao demonstrar que o pensamento humano é enraizado em interações sensoriais e motoras, os autores reformulam o entendimento da razão e da linguagem, colocando a metáfora e o corpo como centrais no processo cognitivo e na construção de conhecimento.

Tratar da Linguística Cognitiva - LC, bem como as questões sobre conceitos abstratos, que provém das obras de Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1999), Croft e Cruse (2004), Geeraerts (2006), Feltès (2007) entre tantos outros autores que tratam sobre os diversos processos relacionados às “categorias conceituais e a sua relação com as categorias linguísticas” (Machado, 2019, p. 263). De acordo com as propostas da LC, os conceitos projetam, baseadas em nossas experiências, as propostas de compreensão sobre a realidade.

A realidade não é meramente subjetiva, mas também não pode ser considerada algo totalmente objetivo e independente de nossa percepção, segundo a compreensão de Delbecque (2008). O mundo não existe de forma única e fixa por si só e se manifesta sempre a partir da nossa atividade cognitiva, ou seja, da maneira como categorizamos e interpretamos a realidade com base em nossa percepção, conhecimento, emoções e experiências.

No entanto, isso não significa que cada indivíduo viva em uma realidade isolada, pois conseguimos compartilhar significados e construir uma compreensão comum do mundo por meio da intersubjetividade. Apesar de vivenciarmos certas experiências em nosso modelo individual, ou nosso ponto de vista, experimentamos também pelo coletivo, pelo olhar plural de observar e compreender o mundo. Viver em sociedade implica justamente essa partilha de experiências e a construção de acordos sobre o que consideramos real, permitindo a comunicação e a organização coletiva da vida social.

O mundo não é uma realidade objectiva em e por si mesma. Ela aparece sempre de uma forma ou de outra por meio de nossa actividade que consiste em categorizar com base em nossa percepção, nosso conhecimento, nosso estado de espírito; em suma, a partir de nossa condição humana. Isso não quer dizer que a realidade assim criada seja subjectiva, uma vez que conseguimos chegar a acordo sobre as nossas experiências intersubjectivas. Com efeito, viver em sociedade significa partilhar experiências comuns. (Delbecque, 2008, p. 35).

Essa perspectiva de experimentar o mundo, é uma visão trabalhada em Lakoff (1987) como sendo uma visão ‘experencialista’, como, por exemplo:

[...] pois quando se observa conceitos, como MESA ou LIVRO, ambos lexemas envolvem processos de categorização que são resultados das interações da nossa percepção, conhecimento, sócios culturais e situacionais da língua em uso. Embora pareçam menos problemáticos, eles implicam em sua construção e uso, uma série de operações cognitivas, de acordo com a comunidade de fala. (Machado, 2019, p. 264).

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

Machado (2019, p. 264) explica assim, que alguns conceitos, embora pareçam simples tem suas proporções e dimensões categóricas bem mais aprofundadas, como nos exemplos citados pela autora, como MESA ou LIVRO não são apenas palavras isoladas, mas envolvem processos de categorização que são resultados de nossas interações e a nossa percepção, bem como o nosso conhecimento sociocultural e ainda podemos dizer que o contexto em que a língua é utilizada também influencia esses processos. Embora esses conceitos possam parecer simples e universais, sua construção e uso dependem de diversas ‘operações cognitivas’ que variam de acordo com a comunidade de fala. Isso significa que, ao nomearmos objetos, estamos aplicando ‘esquemas mentais’ em que foram desenvolvidos ao longo de nossa experiência e influenciados pelo meio social em que estamos inseridos.

Outros conceitos como VIOLÊNCIA, LIBERDADE, AMOR, VIDA, JUSTIÇA (...) são mais complexos em sua construção e aplicações a contextos de fala, pois são afetados pela natureza das instituições sociais, jurídicas, religiosas, entre outras, as quais variam sobremaneira de cultura para cultura e de subcultura para subcultura em uma mesma comunidade. São considerados abstratos à medida que implicam mais operações de abstração, em que crenças e valores introduzem não apenas maior variação, mas também mais negociações de sentido em eventos de fala. (Machado, 2012, n.p.).

Feltes (2007) explica que conceitos como ‘violência’, ‘liberdade’, ‘amor’, ‘vida’ e ‘justiça’ são mais complexos em sua construção e aplicação, pois seu significado depende das instituições sociais, jurídicas e religiosas que os moldam, variando significativamente entre culturas e até mesmo dentro de diferentes grupos de uma mesma comunidade. Esses conceitos são considerados abstratos porque exigem um maior nível de abstração para serem compreendidos, já que crenças e valores influenciam sua interpretação, gerando não apenas variações no significado, mas também negociações constantes sobre seu uso em contextos de fala.

Ao comparar essa explicação com a de Machado (2019), percebe-se que, enquanto conceitos como “mesa” e “livro” envolvem processos de categorização baseados na percepção direta e no conhecimento sociocultural e situacional, os conceitos abstratos dependem de camadas mais complexas de interpretação. No primeiro caso, a categorização é mais concreta e objetiva, pois se refere a objetos físicos facilmente identificáveis, embora ainda envolvam operações cognitivas.

Outra abordagem possível para esta pesquisa é a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados - TMCI, proposta por Lakoff (1987), segundo a qual “os conceitos e categorias têm sua estrutura motivada por modelos cognitivos e culturais” (Machado, 2019, p. 264). Essa teoria sugere que os conceitos organizam o pensamento com base nas relações humanas, projetando a realidade a partir de nossas experiências, enquanto as categorias agrupam e representam conjuntos de entidades. Essa perspectiva, fundamentada na Linguística Cognitiva, permite compreender como a estruturação do conhecimento é influenciada por fatores cognitivos e culturais, em outras palavras, categorizamos e compreendemos os conceitos com base no que vivemos e nas interações que temos, e essa capacidade de organizar informações é inerente à cognição humana.

Delbecque (2008) traz a língua, vista como um sistema de signos, não se limita a uma simples relação entre forma e significado. Os signos linguísticos estão conectados ao ‘conceptualizador’³ humano, ou seja, ao indivíduo que interpreta e dá sentido às palavras com base em sua experiência do mundo. Isso significa que as relações de “significado” dos signos não é estanque e isolado, porém construído a partir da maneira como cada indivíduo percebe e experimenta as diferentes realidades. Passa a existir então uma relação dinâmica entre o conceptualizador, as categorias que ele utiliza para organizar o conhecimento e os signos linguísticos que expressam esses conceitos.

Uma visão mais abrangente da língua como sistema de signos ultrapassa o tipo de ligação entre a forma e o significado de um signo linguístico. Este é então ligado ao “conceptualizador” humano e ao mundo que é o seu, isto é, tal como ele o vive. O conceptualizador, as categorias e os signos linguísticos estão ligados entre si (Delbecque, 2008, p. 35).

Ao relacionar essa ideia com as categorias conceituais, percebe-se que tanto os signos linguísticos quanto as categorias são estruturados com base na experiência humana e na maneira como interpretamos o mundo. As categorias conceituais, como apontado na TMCI, não são somente agrupamentos objetivos de entidades, mas refletem a forma como os indivíduos organizam a realidade com base em seus modelos cognitivos e suas culturas. Isso reforça a concepção de que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um reflexo da cognição humana, mediando nossa percepção do mundo e a forma como compartilhamos significados em uma comunidade.

3. Considerações metodológicas

Esta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem teórica e analítica, que se volta à uma compreensão dos processos de tradução e interpretação em Libras sob a perspectiva da corporeidade e da cognição, com ênfase na relação entre corpo, linguagem e cultura. Para isso, utilizamos uma análise crítica de obras e autores que contribuem para o entendimento e a compreensão do funcionamento cognitivo e do papel do corpo na produção de sentidos, considerando as especificidades da língua de sinais e sua natureza visual-espacial, bem como o tradutor e intérprete de Libras se encontra nesse contexto.

A princípio, estabelecemos o arcabouço teórico com base na teoria da *embodied cognition*, defendida por Lakoff e Johnson (1999), que sustenta que a mente e os processos cognitivos estão profundamente estabelecidos nas experiências corporais e sensoriais. Essa perspectiva é importante para compreender que as línguas de sinais, entre elas a Libras, são línguas com características de uma visualidade e determinada gestualidade, cuja estrutura e significado estão estes intrinsecamente ligados à corporeidade do sujeito que sinaliza, influenciando diretamente suas formas de produzir e interpretar sinais.

³ O sujeito conceptualizador ou observador, é aquele que se relaciona com o processo, sendo o “que” ou “aquele” que conceitualiza; conceptualizador.

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

Em conjunto com tais abordagens acima citadas, incorporamos as reflexões de Campos (2004), que enfatiza a importância do processo de recriação textual na tradução para línguas de sinais, destacando que a tradução não é apenas uma transposição de palavras, mas uma reinterpretação que valoriza a materialidade dos signos visuais e gestuais, potencializadas pelo corpo do intérprete. Campos ressalta a necessidade de uma visão intermodal, na qual recursos corporais e visuais são utilizados de forma integrada para manter o sentido original do texto, seja ele literário, poético ou informacional.

Para embasar essa compreensão no ponto de vista de uma língua de modalidade visual-espacial, suportamos nossa análise com as contribuições de Quadros (2004), que enfatiza a importância da corporeidade na constituição do significado em Libras, onde o corpo não atua como mero veículo de sinais, mas como elemento ativo na construção de sentidos. Assim, a produção de sentidos na língua de sinais é uma atividade corporal que envolve gestos, expressões faciais e espaço, elementos que, segundo a autora, são fundamentais na compreensão estética e semântica de textos sinalizados.

Empregamos também os conceitos discutidos por Delbecque (2008), que aborda a natureza dinâmica dos signos linguísticos e a influência das experiências culturais na formação do significado. Essa abordagem permite uma análise sensível às diferenças culturais e às experiências pessoais dos intérpretes e dos sujeitos de tradução, fundamentais na elaboração de estratégias de interpretação que respeitem os contextos culturais dos usuários de Libras.

Para ampliar a base de sustentação, também incluímos contribuições de autores contemporâneos como Sutton-Spence (2021), que destaca elementos específicos da literatura de sinais, e de Benjamin (2011), que discute aspectos estéticos e emocionais na tradução, reforçando a importância de uma atuação sensível e criativa no processo de interpretação. Essas obras ajudam a compreender que a tradução de textos em Libras envolve mais do que a substituição de signos, requer uma re-criação estética baseada na corporeidade, na visualidade e na cultura surda.

A análise dos textos se apoiará, assim, na compreensão de que a língua de sinais é uma língua articulada por sinais que possuem propriedades iconográficas, espaciais e expressivas, sendo que esses elementos demandam do intérprete uma atuação que combina precisão técnica com sensibilidade estética e cultural. Assim, a pesquisa busca compreender as estratégias utilizadas pelos tradutores para manter o sentido, a estética e a cultura presentes nas obras sinalizadas, refletindo o papel central do corpo na construção desses sentidos.

Dessa forma, a metodologia emprega uma análise crítica de textos e traduções, apoiada em uma revisão bibliográfica que aborda conceitos de linguística cognitiva, corporeidade, comunicação visual e estética, sempre considerando o contexto sociocultural da língua de sinais. Cada uma dessas referências fornece elementos essenciais para uma compreensão aprofundada do papel do corpo e da corporeidade na tradução em Libras, contribuindo para uma reflexão teórica consistente, que possa subsidiar análises futuras e práticas de tradução mais sensíveis às especificidades da língua sinalizada.

4. Caminhos da análise: entre corpo, texto e tradução

A análise do papel da corporeidade na interpretação em Libras revela que o corpo do intérprete não pode ser considerado apenas como um elemento mediador passivo, mas sim como uma verdadeira “corporificação do texto” – ou seja, o corpo se torna o meio essencial de construção do sentido. Essa perspectiva, fundamentada nos conceitos de Lakoff e Johnson (1999), evidencia que a atuação do intérprete vai além da mera transposição lexical, incorporando recursos estéticos e expressivos que potencializam o impacto comunicativo. A utilização do corpo, por meio de gestos, expressões faciais, movimentos e do espaço, confere à tradução uma carga artística que promove uma compreensão mais sensorial e cultural por parte do público surdo, contribuindo para a democratização do acesso à cultura e fortalecimento da identidade cultural desse grupo.

Nesse contexto, a corporeidade assume uma dimensão fundamental, pois não se limita à transmissão do conteúdo, mas também atua como ferramenta de criação e reconfiguração de sentidos, tornando a interpretação mais envolvente e significativa. Como aponta Silva (2022), a prática da tradução em Libras constitui uma experiência de criação compartilhada, uma “corporificação do texto”, na qual o corpo do intérprete é parte ativa na construção do sentido, reforçando a ideia de que o processo não é apenas técnico, mas essencialmente artístico, ético e cultural. Ademais, a compreensão dessa dinâmica é sustentada pelos princípios da Linguística Cognitiva, de Lakoff e Johnson (1999), que reforçam a relação intrínseca entre corpo, mente e linguagem, evidenciando que os sinais em LIBRAS carregam uma dimensão sensorial e experiencial, tecida a partir de metáforas enraizadas na experiência física e espacial.

Esses recursos culturais, envolvendo movimentos, espaço e expressões faciais, tornam-se elementos essenciais na construção de sentidos mais ricos e estéticos, exigindo do tradutor uma sensibilidade especial e uma postura criativa na utilização desses elementos. Como destacado por Campos (2004), a recriação do texto na língua de chegada deve respeitar os diferentes propósitos do texto original, enfatizando a importância de um olhar intermodal, que potencialize os recursos do corpo e da linguagem visual-gestual.

Nesse cenário, a criatividade aliada a estratégias interdisciplinares contribui para que a tradução não seja apenas uma transposição semântica, mas uma experiência artística que enriquece e valoriza a língua de sinais. Dessa forma, a atuação do intérprete como um criador cultural e artístico fortalece a dimensão estética da tradução, ampliando seu potencial inclusivo e promovendo a acessibilidade cultural para os públicos surdos. Assim, o intérprete desempenha um papel significativo na construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva, na qual a cultura passa a ser acessível, perceptível e valorizada por seus próprios sujeitos, contribuindo para a efetiva promoção da cidadania e da inclusão social.

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

Considerações finais

A atuação do tradutor-intérprete de Libras não se limita apenas à conversão literal das palavras, mas certamente envolve um aprofundamento no processo de corporificação do texto. O TILSP se posiciona como alguém que administra esse processo criativo, utilizando o corpo, os gestos, as expressões faciais e o espaço para recriar sentido no lugar das palavras, trazendo nova vida para o texto projetado na Libras. Sendo assim, visando aflorar o fator estético do texto e transmitir à cultura surda de forma bem mais sensível e eficaz. Esse processo de transcrição evidencia que a tradução em Libras é um ato artístico e ético, que exige criticidade, domínio técnico e sensibilidade cultural.

Ao corporificar o texto, o tradutor-intérprete não só torna o conteúdo ainda mais acessível, como também colabora para a descentralização do conteúdo de sua língua fonte, ampliando o acesso comunicativo para o público surdo. Deste modo, assumiu um papel importante e basilar na promoção da inclusão social e da valorização da identidade linguística e cultural das pessoas surdas, criando pontes entre diferentes comunidades e seus diversos modos de expressão.

Compreender o intérprete como um texto corporificado amplia a noção da tradução para Libras como um processo dinâmico, ético e estético, que vai além da equivalência semântica tradicional, valorizando a expressividade e a criatividade corpórea. Por meio desse olhar, reconhece-se a importância do corpo e da corporeidade como elementos centrais na mediação linguístico-cultural, destacando o papel do tradutor-intérprete como agente ativo na construção de sentidos e na promoção da acessibilidade cultural.

Os desafios enfrentados pelo tradutor-intérprete demandam formação contínua que integre conhecimentos linguísticos, culturais, cognitivos e artísticos, permitindo que ele exerça seu papel com excelência e ética. O reconhecimento dessa prática como uma arte é uma forma de conhecimento e fortalece o debate sobre a importância da Libras e da cultura surda nos contextos educacionais, artísticos e sociais, reafirmando o compromisso com uma sociedade mais inclusiva e plural.

Referências

BAIENSE, Joyce Karolina Ribeiro. *O atravessamento da direção cristã na modulação das condutas de tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa em formação*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

BEFI-LOPES, Débora Maria; OLIVEIRA, João Vitor Ribeiro de; SOARES, Aparecido José Couto. Perfil de atos comunicativos de crianças com transtorno do desenvolvimento de linguagem. *Audiologia, Comunicação e Pesquisa*, [S.l.], v. 29, e2824, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2023-2824pt>. Acesso em: 31 out. 2024.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2011. pp. 101-120.

- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91182>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- CAMPOS, Haroldo de. Da Tradução como Criação e como Crítica. In: *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DELBECQUE, Nicole. *Linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- FELTES, Heloísa P. de Moraes. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics Research*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- GESSNER, Ricardo. Transcrição, transconceituação e poesia. *Cadernos de Tradução*, [S. l.], v. 36, n. 2, pp. 142-162, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n2p142>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n2p142>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. In: BROWER, R. A. (ed.). *On Translation*. Cambridge: Harvard University Press, 1959. p. 232-239.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Intérprete de Libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.
- MAGALHÃES, Ewandro. *Sua majestade o intérprete: o fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. Contribuições da Linguística Cognitiva nos processos de tradução e interpretação de Libras/português: itens polissêmicos para conceitos abstratos de CRÍTICO. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS, 2012, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=16&idart=191>. Acesso em: 26 fev. 2025.
- MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. As contribuições da linguística cognitiva e o uso funcional de línguas interpretantes. In: LINS, Maria da Penha Pereira; JÚNIOR, Rivaldo Capistrano; MARLOW, Rosani Muniz (org.). *O lugar da linguística: percursos de uma (r)evolução*. UFES, 2019, pp. 263-293.
- QUADROS, Ronice Muller de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2025.

As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais

QUADROS, Ronice Müller de; SOUZA, Saulo Xavier. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: prática tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, Ronice Müller de.(ed). *Estudos Surdos III*. 1. ed. Cap. 8. Editora Arara Azul, 2008, pp. 168-207.

QUADROS, Ronice Müller de; SEGALA, Rimar Romano. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. *Cadernos de Tradução*, [S. l.], v. 35, n. esp. 2, pp. 354-386, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p354>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354>. Acesso em: 8 ago. 2025.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, v. 57, n. 1, pp. 287-318, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/wgrtd7x9bfqckZNY6nXgs3R/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2024.

RODRIGUES, Carlos Henrique; FERREIRA, João Gabriel Duarte. Tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos: prática profissional e competência. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro: INES, n. 51, pp. 109-125, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1544/1498>. Acesso em: 17 out. 2024.

SANTOS, Joaquim Cesar Cunha. *A formação do tradutor-intérprete de Língua Brasileira de Sinais como intelectual específico*: o trabalho de interpretação como prática de cuidado de si. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/a3abd9d3-4c69-4169-b68b-be1ce3b5dc4f/content>. Acesso em: 08 ago. 2025.

SILVA, Rafael Monteiro da. *Transcrição em Língua Brasileira de Sinais*: um processo criativo e crítico, recriando o texto durante o ato tradutório. Mestrado Profissional em Educação Bilíngue – INES, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/726797>. Acesso em: 08 ago. 2025.

STOKOE, William. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf. *Studies in Linguistics Occasional Papers*, n. 8. New York: Universidad de Buffalo, 1960.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em Libras*. Tradução de Gustavo Gusmão. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em: http://files.literaturaemlibras.com/Literatura_em_Libras_Rachel_Sutton_Spence.pdf. Acesso em: 08 ago. 2025.